

Para Refletir

A seguir, trechos do texto de Daniela Guimarães¹ (professora da Faculdade de Educação da UFRJ) que esteve dialogando conosco, em Atividade Aberta, sobre o significado e a importância do cuidado na Educação Infantil, assumido como questão pedagógica e ética.

Ética e cuidado: eixos do trabalho pedagógico na Educação Infantil

Daniela Guimarães

A LDB de 1996 estabelece a Educação Infantil como 1ª etapa da Educação Básica nas modalidades creche (para as crianças de 0 a 3 anos) e pré-escola (para as crianças de 3 a 6 anos). A legislação define estas instituições como espaços de cuidado e educação das crianças pequenas. Vale ressaltar que a divisão creche/pré-escola constitui-se apenas como modo de discriminar a faixa etária e que em ambas as instituições o cuidado e a educação são entendidos de modo integrado.

No entanto, como mostram vários estudos, é ainda um desafio concretizar esta integração nas práticas com as crianças pequenas. Muitas vezes, o cuidado é considerado como “dar conta” da rotina, nas situações de alimentação, banho, sono, que são, de modo geral, desprestigiadas em nossas sociedades urbanas ocidentais. Num outro prisma, a educação é compreendida como instrução, transmissão de conhecimentos e valores, num caminho que vai do professor para a criança, unilateralmente. Portanto, no cotidiano, persiste a divisão. Hoje, o desafio é compreender que são ações do campo da educação tanto aquelas que envolvem a atenção ao corpo (banho, sono, alimentação) como as que focalizam a motricidade, a inteligência, a afetividade. Uma trilha para isto é a revisão dos conceitos de cuidado e educação (Guimarães, 2011)².

Boff (1999)³ indica que o cuidado é uma atitude e um modo de ser, isto é, “a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros (...) é um modo de ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas” (p.92). Não temos cuidado, mas somos cuidado. As relações dos homens entre si e deles com a natureza mediadas pelo cuidado implicam não em dominação, mas em comunhão, pertencimento, convivência.

Cuidar significa atender, considerar. Então, podemos perguntar: seria possível *acompanhar o outro*, educar, sem estar atento a ele, sem cuidar?

O cuidado presentifica-se quando dialogamos com o choro das crianças, buscando seus sentidos; quando respondemos aos seus gestos comunicativos com nossos gestos e palavras; quando damos visibilidade a suas brincadeiras, nomeamos suas iniciativas, observamos atentamente o que produzem com seus movimentos e palavras; quando festejamos suas conquistas; quando reconhecemos as exigências de limites nas suas relações com o mundo. Estas situações ocorrem no banho, no sono, na roda, na narrativa de uma história, na construção de um jogo e em diversos momentos onde se concretiza a educação na creche ou escola de Educação Infantil, momentos de interação das crianças entre si e com os adultos.

Indo além, no ato de cuidar numa perspectiva ética e humana, torna-se importante refletir sobre o *olhar*. Por um

lado, o olhar das crianças sustenta os relacionamentos e a exploração do mundo, dirigindo-se aos adultos, às outras crianças e objetos, buscando o novo e a confirmação de si. Por outro lado, o olhar dos adultos, ora é capturado pelas iniciativas infantis, ora volta-se para o mundo do trabalho técnico (produção de materiais pedagógicos, arrumação de mochilas, dar refeição, dar banho, etc.), não fazendo contato com as crianças. A reflexão sobre o encontro/desencontro do olhar do adulto e da criança é importante no entendimento da valorização que ela pode ter de si nestes contatos.

Portanto, colocamos em questão o *modo como observamos* e o *que vemos* das crianças pequenas: quando nos colocamos frente a frente a um bebê, perguntamo-nos sobre seus sentidos acerca do mundo ou tendemos sempre a emprestar-lhe nossos sentidos? Modificamos sua posição, criamos hipóteses sobre seus desejos e possibilidades, ou também observamos suas iniciativas? Cuidar é acompanhá-los e dialogar com os atos dos bebês, assegurando o valor de suas iniciativas, do que iniciam, mais do que dirigir seus movimentos.

Assim, na perspectiva do cuidado como ética, problematizamos as formas tradicionais e dominantes de considerar a criança pequena, ou seja, a perspectiva da fragilidade, carência, dependência, necessidade, buscando seus modos próprios de iniciar e desenvolver contatos.

Enfim, as práticas e discursos no campo da educação das crianças pequenas podem ser divididas em dois grupos: um que coloca ênfase na disciplina, na preparação, na ordem, gerando tempos e espaços rigidamente controlados pelos adultos, adultocêntricos; e outro grupo que valoriza a preservação da infância, no sentido da abertura e liberdade, promovendo tempos e espaços onde, muitas vezes, a criança se coloca isolada do mundo dos adultos, numa visão de liberdade que se aproxima do “abandono” das crianças a si mesmas. O desafio na construção do cotidiano é equilibrar os dois polos. Por um lado, considerar a dimensão da liberdade, da expressividade das crianças, sem com isso apartá-las da vida social; por outro lado, não tutelá-las de modo absoluto. Neste caminho é importante a compreensão de que a autonomia, a autoconfiança e capacidade de expressão das crianças constroem-se nas relações marcadas pelo cuidado, por uma *intencionalidade* educativa marcada por uma *atencionalidade*, onde as crianças aprendem a verem o outro e a si mesmas.

¹ O texto completo (de mesmo título) pode ser obtido no MEDH em Rede (www.novamerica.org.br/medh2).

² GUIMARÃES Daniela. Técnicas corporais, cuidado de si e cuidado do outro na rotina com bebês. In: KRAMER & ROCHA (orgs). *Educação Infantil: enfoques em diálogo*. São Paulo: Papirus, 2011. (ver outro trabalho da autora em “Enriquecendo a ação”)

³ BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

NOVAMERICAPrograma Direitos Humanos
Educação e Cidadania

ISSN 1519-9827 - NOVAMERICA

Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo - CEP: 22280 - 030

Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL - Tel/fax: 2542 6244 - 2295 8033

E-mail: escola@novamerica.org.br<http://www.novamerica.org.br>**Direitos Humanos**
na sala de aula

Editora : Susana Sacavino

Texto Final : Iliana Aida Paulo

Supervisão Editorial : Adelia Maria Koff

Composição Gráfica : Companhia Visual Manteca

Equipe Responsável : Vera Maria Candau

Sílvia Maria F. Pedreira

Marilena Varejão Guersola

Direitos Humanos na sala de aula



Apresentação

Fechamos esta edição com a cidade do Rio de Janeiro vivendo intensamente a Rio+20 - em diferentes

formas e espaços... Ocupando as ruas... Misto de esperança e compromisso dos/as que se pronunciam, seja para “cobrar” de chefes de Estado e Governo, seja para falar de suas próprias atitudes. Misto, por outro lado, de apreensão e incerteza quanto aos resultados concretos da Conferência. Afinal, é a preservação da VIDA que está em questão.

Nosso boletim está dedicado, desde o início do ano, a **cuidar da vida e promover a paz**. É nosso lema. Mas é, acima de tudo, a nossa história, reafirmada a cada nova edição. Nesta, o cotidiano escolar - as relações entre os/as alunos/as, o clima da sala de aula de aula e da escola - é o ambiente ao qual dedicamos especial cuidado, para o qual buscamos a paz. Das determinações legais, às propostas de atividades para movimentar a sala de aula.

Desta vez, o mosaico vem com assinatura. Nele Sonia Kramer partilha conosco o parágrafo que escreveu para ler na Tenda do Aterro da Rio+20, alertando para a urgência da “preservação” de um bem muito precioso: as crianças. Suas palavras finais migram para esta página, ao mesmo tempo como frase-síntese deste boletim e chamada para o texto de Daniela Guimarães. Ambas voltam o olhar amoroso para a meninada - começo de todo cuidado e razão maior do cuidado com tudo o mais... futuro, “sobrevivência da humanidade”.

E porque nos empenhamos por este futuro, convocamos Guilherme Arantes para Cantar conosco, prenhes da certeza que **“redobrada a força, pra cima que não cessa...”**

(e) **toda esperança, por menor que pareça, existe é pra vicejar... amanhã será um lindo dia!”**

A equipe

Participe

O Movimento Socioeducativo - MSE Brasil EDUCAR EM TEMPOS DIFÍCEIS realizará o IV SEMINÁRIO NACIONAL, no dia 18 de agosto, sábado, das 8h e 30min às 13h, no Colégio Teresiano. Como em anos anteriores, o Seminário contará com uma mesa de abertura e grupos de trabalho temáticos. Faça logo sua inscrição! As vagas são limitadas e a ordem de inscrição será respeitada na formação dos grupos temáticos. Para mais informações acesse: www.msebrasil.org/

Datas Significativas

Julho

01

Dia da Cidadania

09

Dia da Juventude

13

Dia da Promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990)

17

Dia de Proteção às Florestas

Agosto

07

Dia Internacional da Educação

11

Dia Nacional do Estudante

12

Dia Internacional da Juventude - ONU

23

Dia contra a Injustiça

24

Dia da Infância

26

Dia Internacional da Igualdade Feminina

Cuidar da vida,
promover a paz

NOVAMERICA 2012



A sala de aula em movimento

Temos Direito!

Estatuto da Criança e Adolescente/1990

Art. 18 - É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Cara professora, caro professor, as atividades propostas têm o ambiente escolar como foco, na perspectiva de **cuidar da vida e promover a paz**. As relações entre os/as estudantes são privilegiadas, com o intuito de superar comportamentos de agressão e violência, particularmente o bullying. Nesta edição fazemos uma abordagem mais geral, adequando-a aos diferentes níveis de escolaridade. Na próxima, trataremos mais detidamente do bullying propriamente dito.

Educação Infantil (pré-escola) e Ensino Fundamental Anos iniciais (1º, 2º e 3º)

- Retome o que já trabalhou sobre o tema do **cuidado** (garanta que todos/as se ouçam):
- ✓ Usando uma bolinha ou bastão, "jogue" com as crianças: a que estiver com o objeto, diz algo que aprendeu sobre o tema e o passa a outra, para fazer o mesmo. Siga com a brincadeira enquanto considerar enriquecedora. Estimule, indague, reforce, reorienta...
- ✓ Varie as solicitações: o que cada um/a gostou mais de aprender? Para quem contou sobre as atividades que fizeram? Para quem ainda quer contar? Comente as referências.
- Dedique-se mais detidamente, agora, ao cuidado entre colegas na escola:
- ✓ Organize pares de crianças. Uma dirá para a outra algo que não gosta que aconteça com ela na classe, no pátio da escola, no portão - chamar por apelido, tomar a merenda, empurrar de propósito, implicar, pegar material... Em seguida, na roda, cada uma dirá o que ouviu da outra. Aproveite para várias intervenções: chamar Beatriz de Bia, Eduardo de Edu, não tem problema; chamar alguém de baleia, "quatro olho", manteiga derretida etc., é ruim porque magoa a pessoa. Pedir material emprestado, tudo bem; tomar a força, não. Brincar de pega-pega é legal, empurrar para machucar, não...
- ✓ Prepare três "carinhas" - alegre, zangada, triste - em cartolina de três cores, Replique a atividade anterior para reforçá-la. Pergunte: **que cara a gente faz para?** Cite: chamar alguém de dentuço/a, agradecer pelo biscoito que ganhou, puxar com força o cabelo de alguém, apontar com o dedo e rir do/a colega, pedir licença para passar sem empurrar... A cada resposta, apresente a carinha escolhida. Quando for indicada a alegre: aplausos!
- ✓ Entregue um círculo para que cada criança desenhe sua **carinha de pensamento**. Peça que, em casa, fique um tempo com a carinha, junto com alguém ou sozinho/a, se preferir, para pensar com ela sobre o que fazer para que todos/as da turma fiquem com caras alegres.
 - ✓ Informe quando todos/as deverão trazer a carinha para que "ela" conte o que pensou.
 - ✓ No dia marcado, trabalhe as sugestões com o procedimento que lhe parecer mais conveniente. Envolve toda a turma na aprovação ou reformulação das sugestões.
 - ✓ Ao final, colar as carinhas com o nome da criança em cartolina ou papel pardo, com a inscrição: "Estamos pensando... como deixar nossa turma sempre alegre", ou similar.

Mosaico

As relações entre adultos e crianças constituem um dos maiores desafios da sociedade contemporânea. São cada vez mais numerosas situações cotidianas que observamos na rua, nos espaços culturais e dentre eles, infelizmente, na escola em que os adultos evidenciam que não sabem o que fazer com as crianças. Cenas inadmissíveis, palavras duras, atitudes que expressam verdadeiro preconceito contra crianças, impedidas de brincar, de rir ou chorar, cantar ou dançar, tocar nos outros, de não saber, mostrar seus sentimentos, de aprender, essas e outras revelam o grave processo de desumanização que afeta a todos/as. Cuidar da natureza, do planeta, do ambiente precisa incluir a discussão e a mobilização em torno da educação de crianças como pessoas que são. E que merecem atenção, ação e orientação de adultos que saibam lidar com valores, autoridade e afetos. Pelo bem e pela preservação da humanidade. (Sonia Kramer)

Ensino Fundamental Anos iniciais (4º e 5º) e anos finais (6º e 7º)

- Para utilizar a proposta anterior, leve em conta necessidades de adaptação: por exemplo, substituir as carinhas por cartões (vermelho para condenar a conduta, verde para aprová-la), incluir práticas usuais nesta faixa de escolaridade (ridicularizar "em público", fazer ameaças, espalhar boatos sobre a pessoa...) etc.
- Complete essa proposta, ou a substitua, por uma *tempestade de ideias* que levante condutas desaprovadas pelos/as alunos/as na convivência entre colegas na/da escola. Registre todas (é provável que apareçam referências ao uso do celular e do computador para diferentes tipos de agressão). Divida a turma em grupos para que organizem as condutas pela frequência com que ocorrem: das mais para as menos frequentes. Confronte os grupos. A intenção não é chegar a uma só organização, e sim provocar a atenção de todos/as para a presença das referidas condutas entre eles/elas e discuti-las.
- Dê uma filipeta a cada aluno/a para que, em casa, registre uma sugestão para evitar a permanência das condutas indicadas (o propósito é fazê-los/as pensarem mais sobre o assunto). Em momento posterior, partilhe as sugestões. Decida com a turma como fazer isso. O uso das filipetas facilitará a identificação de repetições, complementações... com jeito de quebra-cabeças. Estimule tentativas de arranjos, formulações etc. É fundamental que vejam/revejam as sugestões e sua adequação aos comportamentos desaprovados.
- Concluído o trabalho, considere-o como versão preliminar de procedimentos a serem utilizados para o enfrentamento das atitudes agressivas que foram repudiadas. Informe à turma que este produto será finalizado adiante - recomende que aproveitem o intervalo de tempo, para pensarem mais no assunto, conversarem, ouvirem outros/as colegas... (na próxima edição, sugestões para a ampliação e finalização dessa versão preliminar).
- Solicite que fiquem atentos/as às notícias (de rádio, televisão, jornal, revista) e aos comentários nos espaços que frequentam - sobre agressões sofridas por estudantes e as consequências. Dedique espaço nas aulas para o relato dessas notícias para manter o tema em pauta e ampliar sua abordagem. A esta altura, o termo bullying já deverá ter sido usado, principalmente em razão das notícias solicitadas. Se este for o caso, comece a levantar o que sabem sobre as diferenças entre bullying e outras formas de agressão e violência, preparando exploração mais detida deste fenômeno que queremos combater, para construir um ambiente de paz nas escolas.

Ensino Fundamental Anos finais (8º e 9º) Ensino Médio, EJA e formação de Professores/as

- Aborde o tema das agressões (violência) entre os/as alunos/as. Existe na turma? E na escola? Quais as agressões mais frequentes? Onde ocorrem? Atingem todos/as os/as alunos/as. Como reagem? Proponha questões que considere capazes de mobilizar uma conversa franca. Procure assegurar que fatos sejam relatos e não os/as autores/as.
 - Concluída a conversa, proponha que todos/as preencham questionário sobre o tema e que cada um/a se encarregue de pedir a mais 3 colegas que façam o mesmo. O modelo fornecido é indicativo, a ser alterado de acordo com sua realidade - ajuste descrições, retire/acrescente situações, inclua solicitações etc. Retomaremos esse trabalho na próxima edição.
 - **QUESTIONÁRIO**
- Sou _____ Estudo nesta escola há _____ anos.
(menino/homem - menina/mulher)
- As situações descritas no quadro abaixo costumam acontecer na minha escola.
- ✓ **Marco com um "x" ou nº adequado para indicar minha experiência em cada caso:**
1. Nunca acontece comigo 2. Acontece algumas vezes comigo 3. Acontece muitas vezes comigo

SITUAÇÕES	1	2	3
Colega me bate para machucar de verdade			
Colega conta mentiras sobre mim para que outros/as não queiram minha amizade			
Colega colega grita sempre comigo			
Colega que fica com raiva de mim faz de tudo para que outros/as colegas não queiram mais brincar ou estudar comigo			
Colega me xinga, me insulta			
Colega me ignora e me trata com indiferença			
Colega me ameaça			
Colega me trata mal ou me deixa de lado para conseguir o que quer			
Colega me ridiculariza na frente dos/as outros/as			
Colega espalha boatos a meu respeito pelas costas			
Colega rouba meu material			
Colega me acusa de uma coisa que não fiz			
Colega me chama de apelidos que me ofendem			

✓ Marco com um "x" em quem estava pensando quando respondi o quadro acima:

Em um certo garoto	
Em uma certa garota	
Em um certo garoto, acompanhado por um grupo que o apoia	
Em uma certa garota, acompanhada por um grupo que a apoia	
Em vários/as colegas que formam um grupo de amigos/as	

✓ Marco com um "x" como me sinto naquelas situações que aconteceram comigo:

Com muito medo e sem vontade de ir para a escola	
Com muito medo e sem coragem de falar com meus professores	
Com muita raiva e com vontade de revidar, mas sem coragem para isso	
Muito triste, porque estou cada vez mais sozinho/a na escola	
Sem saber o que fazer	
Confuso/a, pois já falei com meus pais e professores e não acreditam em mim	

Enriquecendo

Site AÇÃO Livro

<http://www.observatoriodainfancia.com.br> - site especializado em direitos da criança e do adolescente. Inclui atividades, notícias, artigos, legislação, publicações, indicação de filmes/vídeos, dados, endereços importantes e muito mais. É uma ferramenta importante para você educador/a que se preocupa com a defesa dos direitos de crianças e adolescentes!

GUIMARÃES Daniela. *Relações entre adultos e bebês na creche: o cuidado como ética*. São Paulo: Cortez, 2011. Para aprofundar as ideias que Daniela sumaria no texto presente em "Para refletir".